



COORDENAÇÃO: Nélcio Pão

Editorial

Alberto Vieira (Presidente CEHA)

A partir do número sete desta Newsletter fica definida uma nova estrutura no sentido de dar maior consistência aos temas aqui apresentados de forma abreviada. O presente número é dedicado à História da Ciência e das Instituições científicas na Madeira. Para nós este tema é considerado prioritário em termos de investigação e divulgação, tendo-se realizado nos últimos anos diversas iniciativas no sentido da investigação, debate e divulgação.

Recordamos o papel que as ilhas tiveram com escalas das expedições científicas a partir do século XVIII, com o interesse que as mesmas despertaram para múltiplos cientistas e instituições europeias e americanas ao longo dos tempos. O resgatar deste protagonismo insular tem sido o nosso objectivo nos últimos anos e prometemos continuar a intervir neste como noutros domínios da História insular.

A Madeira dispõe na actualidade um quadro de instituições que marcam presença no campo da História da Ciência e que fazem com que a Ciência da Ilha deixe de estar entregue a estrangeiros para estar na linha da frente dos investigadores e cientistas insulares. Desta forma a Ciência começou há muito a ser vista e investigada de dentro para fora, permitindo uma distinta visão e perspectiva da realidade.

Também queremos ser participantes activos neste processo, através da divulgação daquilo que tem sido feito, como dos projectos e resultados dos nossos projectos, que paulatinamente afirmam a Ilha não apenas como um espaço que interessa à ciência, mas também de produção científica.

HISTÓRIA DA CIÊNCIA E INSTITUIÇÕES CIENTÍFICAS NA MADEIRA

Desde muito cedo que a Madeira mostrou ser um destino importante, quer como estância para pacientes europeus em busca de cura para a tuberculose, quer como ponto de passagem para reabastecimento e experimentação de técnicas de exploração por

Continua na página 2

**Sumário**

- Jardim Botânico da Madeira Eng.º Rui Vieira 3
- Museu de História Natural do Funchal 5
- Serviço do Parque Natural da Madeira 8
- A História da Ilustração Científica 10
- “Insecta Maderensia: Vida e obra de Thomas Vernon Wollaston” ... 12
- José Vicente Barbosa du Bocage (1823-1907) 13
- Recensões 14
- Agenda Cultural 17

parte de expedições científicas no Atlântico. Desta afluência de estrangeiros resultou o aparecimento de diversos tipos de escritos sobre o arquipélago (guias, relatos, trabalhos científicos). Com o intuito de informar os viajantes sobre condições climáticas, fauna, flora, pontos de interesse e infra-estruturas existentes na Madeira, os guias de viagem, juntamente com os relatos de viagens, vieram dar aos visitantes e doentes tuberculosos um auxílio precioso à sua estadia no Arquipélago. Estas descrições, embora muitas vezes presas a preconceitos e a visões muito pessoais sobre a ilha e os madeirenses, não deixam de ser importantes como fixadores de informações relevantes da história do Arquipélago. Por outro lado, os trabalhos científicos, quer os relativos à recolha e identificação da fauna e flora – principalmente os endemismos –, quer os ligados à geologia e climatologia, mostram a importância da ilha no contexto científico internacional da época devido às suas características únicas.

Durante o século XVII foram principalmente viajantes aventureiros e exploradores que passaram pela Madeira. Um desses viajantes que em 1601 passou pela Madeira foi Jean Mocquet. Este francês, um dos mais importantes exploradores da coroa francesa do século XVII, na sua obra *Voyages en Afrique, Asie, Indes Orientales et Occidentales* (1617), relata a sua passagem pela Madeira, escrevendo algumas impressões sobre a ilha. No final do século XVII, a importância económica dos exemplares botânicos descobertos em várias regiões do globo, até essa data pouco explorados, levou a que se comesse a inventariação botânica dos vários locais visitados. Um dos mais importantes, se não mesmo o mais importante naturalista na Madeira durante o Século XVII foi Hans Sloane. Tendo realizado inúmeras recolhas de espécies de plantas durante o tempo em que esteve na ilha, e disponibilizado as suas colecções a outros investigadores incluindo Lineu, Sloane colocou a Madeira no mapa mundial, no que à riqueza da sua flora diz respeito. As suas colecções foram a base para o actual Museu de História Natural de Londres.

No século XVIII as características próprias do meio natural insular – geológicas, zoológicas e botânicas – estimularam a curiosidade dos naturalistas. O papel da Madeira como escala científica de expedições, estância de turismo terapêutico e como local de peregrinação de naturalistas, como por exemplo, Georg Hartung e Thomas Heberden, levaram à realização de trabalhos fundamentais de exploração e estudo sobre o nosso arquipélago. Foi durante o século XVIII que a inventariação botânica começou realmente a ser sistematizada. Lineu, em 1758, fez o primeiro trabalho extenso de categorização, criando a hierarquia actual.

Foi contudo durante o século XIX que se procedeu a catalogação e classificação da flora e fauna madeirense, sendo também durante este século que se iniciaram os primeiros estudos de geologia, paleontologia e oceanografia. Uma das mais relevantes expedições científicas do século XIX a aportar na ilha da Madeira foi a *United States Exploring Expedition*. Os naturalistas membros desta expedição realizaram vários percursos de exploração na ilha, recolhendo cerca de 300 espécies diferentes de plantas. Estes exemplares juntamente,

com todo o espólio recolhido durante a expedição, deram origem ao *Smithsonian Institution* em Washington DC, um dos maiores complexos de museus a nível mundial.

Já no início do século XX e durante o período conhecido como *Heroic Age of Antarctic Exploration*, foram várias as explorações antárticas que utilizaram o Funchal como ponto de paragem. Exploradores antárticos, como Robert Scott, Ernest Shackleton e William Bruce, utilizaram o Funchal como porto de abastecimento de alimentos, água e carvão, e para recuperar energias para o longo percurso até a Antártica. Foi também durante este século que nasceram as várias instituições ligadas à História Natural da Ilha de Madeira e que continuam, nos nossos dias, a desempenhar um papel fundamental na investigação, divulgação e conservação da flora e fauna do Arquipélago da Madeira.

A Newsletter n.º 9 do *Centro de Estudos de História do Atlântico* que agora damos à estampa, foi dedicada principalmente à História da Ciência no Arquipélago da Madeira.

Neste sentido, foi lançado o repto a algumas individualidades ligadas à investigação nas áreas da História e da História Natural, para a realização de um pequeno texto relacionado com temáticas como: a história da ilustração científica; naturalistas que, de alguma forma se encontram ligados ao nosso arquipélago; e livros de estrangeiros relativos à Madeira. Solicitou-se ainda a algumas instituições com responsabilidades a nível da História Natural do Arquipélago da Madeira um contributo de forma a divulgar algumas notas sobre a sua história e actividade. Conseguimos assim recolher um total de seis textos relativos, globalmente, à História da Ciência neste espaço insular, e três acerca de instituições regionais, mais concretamente do Parque Natural da Madeira, Jardim Botânico da Madeira e do Museu de História Natural do Funchal.

A todos os que de algum modo contribuíram para a realização desta Newsletter, um muito obrigado.

Nélio Pão

(Técnico Superior do CEHA)

JARDIM BOTÂNICO DA MADEIRA ENG.º RUI VIEIRA

A criação do Jardim Botânico da Madeira Eng.º Rui Vieira (JBM) foi deliberada na sessão, de 30 de Abril de 1960, da Junta Geral do Distrito Autónomo do Funchal. O JBM é propriedade do Governo Regional da Madeira, é um jardim público que mantém, entre outras, colecções vivas de plantas com o objectivo de serem estudadas, para a sua conservação e educação ambiental e é, também, um espaço de lazer e atracção turística, tornando-o um Centro de Ciência e Cultura.

Está localizado numa zona estratégica do Anfiteatro do Funchal, na margem esquerda da Ribeira de João Gomes, aproximadamente a 3 quilómetros do Centro da Cidade, entre os 150 e os 300 metros de altitude. Tem uma área ajardinada de, aproximadamente 5 hectares e uma colecção de mais de 2500 plantas provenientes de diferentes regiões do Mundo. Ao percorrer o Jardim, o visitante poderá observar várias colecções de plantas como são exemplos, entre outras, as indígenas da Madeira, as suculentas, as agro-industriais, as aromáticas e medicinais, os jardins coreografados. Além das

colecções de plantas, também podemos observar a colecção de aves exóticas, com cerca de 500 exemplares de 60 espécies, a qual constitui o Louro Parque que está integrado no Jardim Botânico desde 1997.

No Edifício Principal existem gabinetes técnicos, o Laboratório de Investigação em Biodiversidade e Conservação Macaronésica, o Museu de História Natural e o Herbário. O Laboratório está equipado para desenvolver estudos de biologia molecular e, também, desenvolve estudos de propagação *in vitro* de plantas endémicas da Madeira, com prioridade para espécies raras e ameaçadas de extinção. O Museu de História Natural encontra-se instalado em 3 salas do rés-do-chão do Edifício e foi inaugurado a 9 de Outubro de 1984. Este Museu reúne o espólio do antigo Seminário Diocesano do Funchal, o qual foi entregue à guarda do Jardim Botânico em 1982.

O Herbário foi iniciado em 1957, antes da criação oficial do JBM, pelo Eng.º Rui Vieira, Eng.º Malato-





-Belize e Sr. Rui Santos, com cerca de 642 plantas vasculares de diversos locais do arquipélago da Madeira e Selvagens. No herbário do JBM está incorporado o Herbário Histórico do Seminário do Funchal, o qual foi entregue à guarda e cuidado técnico do Jardim Botânico, continuando propriedade do Seminário Diocesano, através de um acordo celebrado a 3 de Janeiro de 1979 entre o Bispo da Diocese, D. Francisco Santana e a Secretaria Regional de Agricultura. Tem sido enriquecido ao longo dos 50 anos de existência do Jardim com novas colheitas e colecções cedidas por vários botânicos apresentando, hoje, mais de 24000 exemplares de plantas vasculares, avasculares e líquenes. Os exemplares são na sua maioria da Madeira, Porto Santo, Desertas, Selvagens e, também de outros arquipélagos Macaronésicos. Este herbário é considerado o maior e mais importante da Região Autónoma da Madeira e, no seu espólio encontramos incluídas colecções de plantas cultivadas e medicinais.

Além das instalações referidas, existe no JBM o Banco de Sementes direccionado para colecções de plantas indígenas da Madeira (Madeira, Desertas, Selvagens, Porto Santo), com prioridade para os endemismos e para as plantas raras e ameaçadas de extinção na Natureza, o qual foi criado em 1994.

Desde a sua criação, o JBM tem estado direccionado para a investigação no âmbito da Botânica e interessado na conservação da diversidade biológica, assim como tem dado importância à área da sensibilização e difusão da utilidade e riqueza das plantas. Ao longo dos anos, tem sido reconhecido como Instituição ao serviço da Conservação. Os seus contributos, a nível da investigação científica, passam pelo conhecimento e informação sobre a origem, evolução e importância científica da flora madeirense, pela conservação dos recursos genéticos vegetais naturais, pela inventariação e monitorização das espécies vegetais indígenas da Madeira, principalmente as mais ameaçadas de extinção, pela herborização de exemplares que passam a integrar a colecção do herbário do Museu de História Natural, pela propagação e cultivo de espécies da flora madeirense principalmente dos endemismos raros e ameaçados de extinção e reintrodução de alguns exemplares na Natureza,

pelo reforço de populações na Natureza de espécies com reduzido efectivo populacional e pela colaboração com Universidades e Instituições afins, nacionais e estrangeiras, em programas de investigação relativamente à Flora da Madeira, desenvolvendo diversos projectos de investigação.

No âmbito da Educação e Sensibilização, o Jardim Botânico é um local excepcional para a realização de diversas actividades pedagógicas e culturais. São desenvolvidas várias actividades com o intuito de desenvolver, nos jovens e menos jovens, uma consciência ecológica e o interesse pelo conhecimento e conservação da Flora e Vegetação da Madeira, proporcionando o aumento do seu conhecimento científico.

O Uso Público do Jardim Botânico da Madeira Eng.º Rui Vieira é outra vertente da Instituição. A disponibilidade da informação sobre a Flora e Vegetação da Madeira neste espaço contribui para a sensibilização da Comunidade que o visita, de modo a torná-la participativa num processo de Conservação desse Património. Além disso, o Jardim é um local único para desfrutar do nosso Património Natural de um modo acessível, dado que muitas espécies da Flora madeirense encontram-se muito dispersas e inacessíveis na Natureza.

Durante o presente ano o JBM, como Instituição ao serviço da Conservação, da Educação Ambiental e do Uso Público, continuará a desenvolver estudos de sistemática e de conservação da flora da Macaronésia; a enriquecer as colecções de plantas vivas e a arte de jardinagem; a sensibilizar a população para o conhecimento e conservação das plantas endémicas e indígenas; a dinamizar actividades científicas e sócio-culturais. A Instituição continuará a prestar, a toda a Sociedade, o Serviço Público que tem desenvolvido.

Luisa Maria Gouveia

(Director de Serviços do Jardim Botânico
da Madeira Eng.º Rui Vieira)

CONTACTOS

Morada: Caminho do Meio, 9064-251 Funchal

Website: <http://www.sra.pt/jarbot/>

Emails: jardimbotanico.sra@gov-madeira.pt

Tel.: 291 211 200

Fax: 291 211 206

MUSEU DE HISTÓRIA NATURAL DO FUNCHAL



Localizado no Palácio de São Pedro, uma das mais significativas obras da arquitectura civil portuguesa, de meados do séc. XVIII, o Museu de História Natural do Funchal foi inaugurado oficialmente a 5 de Outubro de 1933.

Até então, o Palácio de São Pedro desempenhou inúmeras funções ao longo da sua existência. Inicialmente foi residência dos Condes de Carvalhal; em 1882 e sob a direcção de D. Carolina Sheffield funcionou o Hotel Sheffield; em 1883, a irmã Mary Jane Wilson (fundadora da Congregação Franciscana de Nossa Senhora das Vitórias) estabeleceu ali a sede do Colégio de São Jorge e, em 1897, funcionou no mesmo espaço o Clube Internacional. Após a sua compra pela Câmara Municipal do Funchal, em 19 de Setembro de 1929, passaram a funcionar no Palácio de São Pedro as seguintes instituições: a Biblioteca Municipal do Funchal, o Museu Regional da Madeira e o Arquivo Regional da Madeira. Na actualidade apenas funciona neste edifício o Museu de História Natural do Funchal, a sua

Biblioteca Científica e o Aquário Municipal. O Jardim de Plantas Aromáticas e Medicinais também faz parte integrante deste edifício.

O primeiro Director do Museu foi Adolfo César de Noronha, um naturalista madeirense que se dedicou ao estudo da Ictiologia, da Ornitologia, da Malacologia e da Carcinologia do arquipélago.

Como Museu Regional, este abarcava para além da História Natural, a Etnografia, a Arqueologia, a Arte, etc. Contudo, e ao longo dos anos, o Museu foi-se especializando cada vez mais na História Natural, quer a nível das exposições patentes e colecções, quer a nível da investigação desenvolvida, sendo neste momento o seu âmbito exclusivo.

Com a inestimável acção do Doutor Günther Edmund Maul, eminente taxidermista e cientista de origem

alemã, que desempenhou a função de Director deste Museu entre 1943 e 1981, o Museu passou a dispor de uma colecção cada vez maior de animais montados e outros espécimes biológicos e geológicos distribuídos ao longo de 6 salas. Actualmente, encontram-se expostas 78 espécies de peixes, 247 de aves, 14 de mamíferos terrestres e marinhos, 3 de répteis marinhos, 152 de insectos e outros invertebrados, 19 espécies de plantas e uma representativa colecção de rochas e minerais do arquipélago, assim como de fósseis marinhos, em particular do Porto Santo.

Para além dos espécimes montados, acima referidos, a colecção científica do Museu contém, actualmente, mais de 51.000 registos, tornando-a no mais importante espólio, existente na Região, do nosso património natural.

Desde o início que o Museu tem desenvolvido a vertente de investigação científica, publicando, desde 1945 o *Boletim do Museu Municipal do Funchal*, poderoso instrumento de divulgação científica da História Natural da Madeira no Mundo e também dos restantes arquipélagos da Macaronésia (Açores, Canárias e Cabo Verde). Desde 1990 foi acrescentado um *Suplemento*, com periodicidade irregular, destinado à publicação de grandes monografias ou actas de congressos e simpósios. A partir de 1959 o Museu passou a publicar, de uma forma não periódica, a revista *Bocagiana*, onde são descritas novas espécies para a ciência ou novos assinalamentos. A permuta destas publicações com as de outras instituições regionais, nacionais e internacionais permitiu a constituição de uma importante Biblioteca especializada.

O Museu de História Natural do Funchal está integrado no Departamento de Ciência da Câmara Municipal do Funchal, entidade que tutela e financia o Museu.

Na sequência da saída, em 2009, do Palácio de São Pedro, do Arquivo Regional da Madeira e da Biblioteca Municipal do Funchal para novas instalações, a Câmara Municipal do Funchal ciente, por um lado, das dificuldades de espaço do Museu de História Natural do Funchal e por outro, de renovar e modernizar a sua exposição, lançou um concurso público internacional para apresentação de propostas para um projecto de renovação do Museu, ao qual concorreram um total de 27 equipas de projectistas, tendo sido classificada em 1º lugar, pelo Júri do concurso, a equipa MSB - Arquitectura e Planeamento, Lda.

O novo projecto museológico deverá ter como temática central a História Natural do Arquipélago da Madeira, numa perspectiva da biodiversidade insular. Neste sentido a exposição estará organizada em 5 temas principais: “A Árvore da Vida”, “A Formação da Madeira”, “A Explosão da Biodiversidade”, “O Homem e a Natureza” e “O Mar”.

Para além das áreas que serão ocupadas pela nova exposição, o Museu irá dispor de novos espaços e serviços: Espaços para exposições temporárias; Serviços Educativos; Espaços ao ar livre; Espaços de restauração e lazer; Loja do Museu; Actividades Científicas; Biblioteca Científica; Laboratório de Taxidermia, etc.





- Rede BANGEMAC: Banco Genético Marinho da Macaronésia - BANGEN (PCT- MAC/1/C070)

Este projecto tem por finalidade promover o desenvolvimento e utilização de metodologias de biologia celular, baseadas em análises de DNA, por forma a estabelecer estratégias de rápida resposta na investigação de organismos marinhos e gestão da biodiversidade.

Exposições temporárias previstas para 2011:

- “Aranhas do Arquipélago da Madeira”
- “Exposição alusiva ao novo projecto de renovação do Museu”
- “Exposição fotográfica relativa à campanha EMEPC/M@rbis/Selvagens 2010”
- “Fungos da madeira”

Projectos de investigação

Encontram-se a decorrer 5 projectos de investigação com financiamento europeu, no âmbito do Programa de Cooperação Transnacional Madeira – Açores – Canárias 2007-2013.

- Gestão Integrada do Vector *Aedes aegypti* – MOSQI-MAC (PCT-MAC/2/M063)

Com este projecto pretende-se realizar a prevenção, vigilância e controlo do vector *Aedes aegypti* (mosquito transmissor da febre-amarela e dengue), actuando a nível da dimensão entomológica, da vigilância epidemiológica e laboratorial, da intervenção ambiental e da informação e educação para a saúde.

- Gestão Sustentável dos Recursos Marinhos – GESMAR (PCT- MAC/2/C068)

Tem por objectivo principal criar uma estratégia comum nos arquipélagos Macaronésicos, para uma gestão sustentável dos recursos marinhos. Neste sentido, a participação do Museu de História Natural do Funchal no projecto é caracterizar biologicamente a pradaria da planta marinha, *Cymodocea nodosa*, existente na área proposta para a criação do Eco-Parque Marinho do Funchal.

- Potencial dos Novos Recursos Pesqueiros de Águas Profundas de Cabo Verde, Bases para a sua Gestão Sustentável e Valorização Gastronómica – MARPROF-CV (PCT- MAC/2/M065)

Tem como objectivo principal o estabelecimento de bases científicas e tecnológicas para o aproveitamento sustentável dos novos recursos marisqueiros e pesqueiros de Cabo Verde e a sua valorização gastronómica. As espécies alvo são a gamba da Madeira (*Plesionika edwardsii*) e o peixe-espada-preto (*Aphanopus spp.*)

- Bases para a Gestão e Valorização Gastronómica de Espécies Pesqueiras Profundas da Macaronésia – MARPROF (PCT- MAC/3/C124)

Visa desenvolver e explorar novas perspectivas, no âmbito da exploração sustentável e valorização dos recursos marinhos profundos. Este projecto irá efectuar uma prospeccção orientada dos fundos marinhos profundos da Macaronésia, cobrindo novas áreas geográficas.

Ricardo Araújo

(Director Museu de História Natural do Funchal)

Juan Silva

(Museu de História Natural do Funchal)

CONTACTOS

Morada: Rua da Mouraria n.º 31, 9004-546 Funchal

Website: <http://www1.cm-funchal.pt/ciencia/index.php>

Emails: mmf@cm-funchal.pt

Tel.: 291 229 761

Fax: 291 225 180

SERVIÇO DO PARQUE NATURAL DA MADEIRA



O Serviço do Parque Natural da Madeira (SPNM) está integrado na Secretaria Regional do Ambiente e dos Recursos Naturais e tem por objectivos prioritários:

- Promover e apoiar acções que visam o ordenamento do território nas diversas Áreas Protegidas, a defesa da paisagem e do meio rural e a conservação e melhoria dos recursos naturais e da biodiversidade;
- Desenvolver iniciativas de sensibilização e de informação das populações locais, com especial atenção à comunidade escolar e comunidade rural, e dos visitantes relativamente a valores ambientais, culturais e paisagísticos, bem como a sua utilização sustentada;
- Promover acções de sensibilização /divulgação ao ar livre e com o contacto com a Natureza.

Este Serviço tem sob a sua jurisdição as Áreas Protegidas da Região Autónoma da Madeira (RAM), nomeadamente:

- Parque Natural da Madeira (criado em 1982);

- Reserva Natural das Ilhas Selvagens (criada em 1978);
- Reserva Natural Parcial do Garajau (criada em 1986);
- Reserva Natural das Ilhas Desertas (criada em 1995);
- Reserva Natural do Sítio da Rocha do Navio (criada em 1997);
- Rede de Áreas Marinhas Protegidas do Porto Santo (criada em 2008).

As Áreas Protegidas da RAM correspondem a 73% da área terrestre do Arquipélago e a cerca de 19.530 hectares no meio marinho, e encerram ecossistemas galardoados internacionalmente, com destaque para a Floresta Laurissilva (Património Mundial Natural sob a égide da UNESCO e Reserva Biogenética do Conselho da Europa), Ilhas Desertas (Reserva Biogenética,



onde existe uma das mais importantes colónias da Foca mais rara do Mundo, o Lobo-marinho) e Ilhas Selvagens (um santuário de aves marinhas, agraciadas com o Diploma Europeu atribuído pelo Conselho da Europa).

Devido à diversidade biológica e sua especificidade, 11 Zonas Especiais de Conservação desta Região integram igualmente a Rede Natura 2000, rede ecológica Europeia de locais de interesse Comunitário.

Das diversas actividades previstas pelo SPNM para o ano de 2011, destacam-se:

- Projecto LIFE Ilhéus do Porto Santo, iniciado em 2010 e com financiamento através do Programa Life + Natureza & Biodiversidade da Comissão Europeia;
- Projecto Comunicando para a sustentabilidade socioeconómica, usufruto humano e biodiversidade em Sítios da rede Natura 2000 no arquipélago da Madeira, iniciado em 2010 e com financiamento através do Programa Life + Informação e Comunicação da Comissão Europeia;
- Comemorações dos 40 anos de criação da Reserva das Ilhas Selvagens;
- Projecto de conservação da Freira da Madeira, ave marinha exclusiva da Ilha da Madeira, através da recuperação do seu habitat;
- Projecto de conservação do Lobo-marinho;
- Projecto Atlas das Aves do Arquipélago da Madeira, que decorre em todas as ilhas da RAM, e que tem por objectivo atingir um adequado conhecimento da abundância e da forma como as aves se distribuem no espaço e ao longo dos diferentes tipos de habitats;
- Acções de recuperação dos habitats naturais, com a continuação das acções de controlo e erradicação de plantas in-

vasoras na área da Ponta de São Lourenço (Chorão das Praias e outras espécies), Deserta Grande (Alpista no Vale da Castanheira) e Selvagem Grande (Tabaqueira Azul e Avoadeira);

- Desenvolvimento de acções de sensibilização e divulgação, através de exposições temáticas itinerantes, conferências, palestras, ateliers temáticos, concursos, jogos didácticos, colaboração em semanas e dias alusivos à Conservação da Natureza e outros eventos de relevo, através do Centro de Informação do SPNM;
- Produção de material divulgativo e informativo sobre as Áreas Protegidas e projectos de conservação da fauna e flora;
- Continuação do levantamento e caracterização do Património construído na área de Parque Natural da Madeira;
- Continuação do trabalho de pesquisa e inventariação da flora aromática e medicinal, nomes vulgares utilizados, identificação das plantas, recolha dos seus usos, bem como das tradições associadas.

Serviço do Parque Natural da Madeira

CONTACTOS

Morada: Caminho do Meio, Quinta do Bom Sucesso, 9064 – 512 FUNCHAL

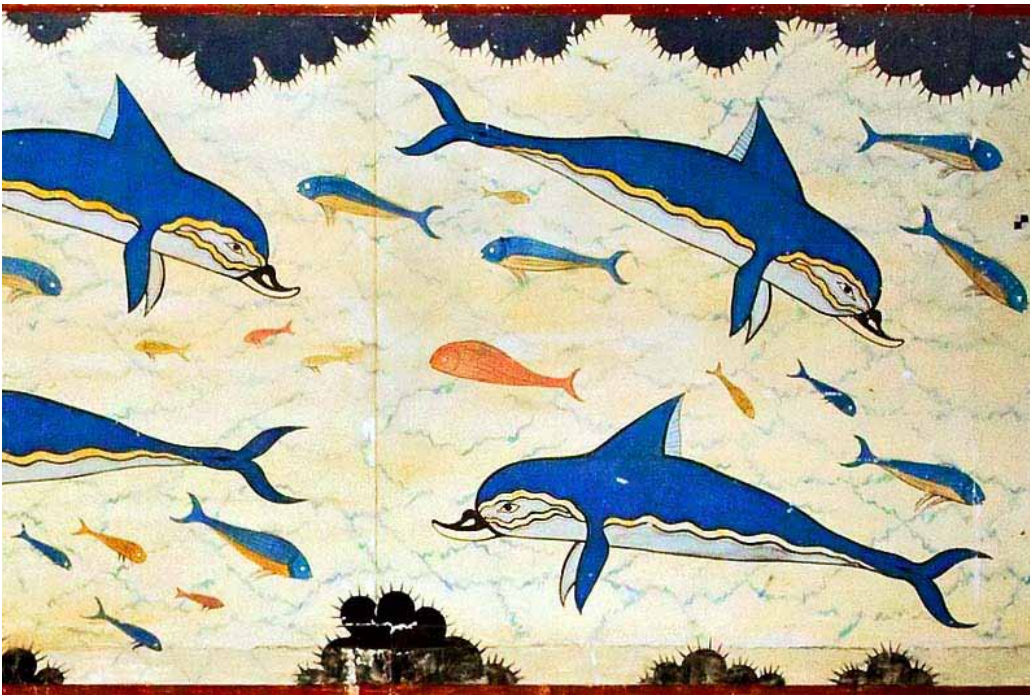
Website: <http://www.pnm.pt>

Emails: cispmn.sra@gov-madeira.pt

Tel.: 291 214 360

Fax: 291 214 379

A HISTÓRIA DA ILUSTRAÇÃO CIENTÍFICA



Pintura sobre motivos marinhos da civilização Minóica (entre 2100 a.C. e 1400 a.C.).

Desde os primórdios da História da Humanidade que houve interesse em reproduzir a Natureza através da pintura, com a arte rupestre e outros artefactos que evidenciam uma busca de interpretação da natureza. Há cerca de 2 100 anos a.C., a civilização Minóica de Creta já produzia arte da vida marinha com pormenores anatómicos.

No entanto, o conceito moderno de ilustração científica teve a sua génese no fim da Idade Média e baseia-se sobretudo no facto da ilustração científica ter um propósito didáctico que a distingue da ilustração comercial ou da pura expressão artística. Com o crescente interesse em explorar novos mundos houve também uma atenção emergente pela história natural das terras descobertas. Nos séculos XV e XVI deu-se uma explosão no conhecimento do mundo. Nesta altura, realizaram-se as grandes viagens de exploração a outros continentes. Assim, deu-se início a uma época em que se começaram a colher exemplares da natureza que cada mais vez despertaram a curiosidade de naturalistas. A ilustração serviu como meio visual de descrição das espécies exóticas que os exploradores encontravam nos outros continentes.

O desenvolvimento da perspectiva de Alberti e do *chiaroscuro* (técnica inovadora de Leonardo da Vinci que se define pelo contraste entre luz e sombra na representação dum objecto) tiveram um impacto significativo na capacidade de pintar, dando uma noção de tridimensionalidade a um objecto. Leonardo da Vinci e Albrecht Durer foram os mestres que deram um grande realismo às suas imagens no século XV e XVI. Além disso, foi no século XVI que houve um grande desenvolvimento na história da ilustração, porque pela primeira vez foi possível fazer reproduções em grande quantidade com a invenção da prensa de impressão.

Gradualmente a técnica foi sendo apurada para produzir ilustrações com um detalhe cada vez mais minucioso. No século XVI, foram publicadas pela primeira vez ilustrações da anatomia humana na obra “*De Humani Corporis Fabrica*”. Estas ilustrações apresentam um detalhe e rigor impressionantes, mérito este do desenhador Jan van Calcar que colaborou com o médi-



*Lebre
desenhada por
Albrecht Durer
(séc. XV/XVI).*



*Embrião
humano
desenhado por
Leonardo
da Vinci
(séc. XV/XVI).*



*Prensa
de impressão
(séc. XVI).*

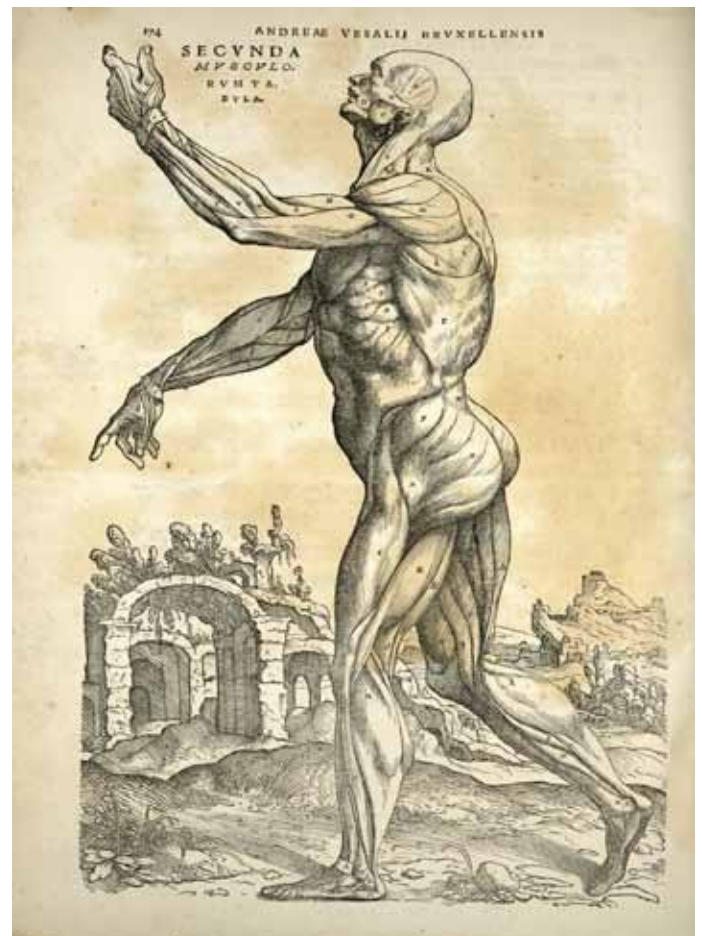


Ilustração da musculatura humana realizada por Jan van Calcar (séc. XVI).

co Andreas Vesalius na concepção desta grande obra médica. Aqui se nota a importância da cooperação e comunicação entre o artista e o cientista que hoje em dia é essencial para formar imagens mais precisas e didáticas.

A idade de ouro para a expansão e aperfeiçoamento da ilustração científica foi no século XVII e XVIII. O avanço da técnica permitiu um aumento no grau de sofisticação aliado a uma exploração intensiva da natureza, particularmente no Novo Mundo. Explorações como a de James Cook no século XVIII ou de Charles Darwin no século XIX, impulsionaram uma série de naturalistas-ilustradores a desenvolver o seu trabalho nas viagens ou a colaborarem indirectamente desenhando os exemplares colhidos.



Tanagra darwini – ilustração de Elizabeth Gould. Esta artista desenhou muitos exemplares de aves recolhidos por Darwin nas suas viagens (séc. XIX).



Diospyros lottus, ilustração de Sydney Parkinson que viajou a bordo do “HMS Bark Endeavour” (séc. XVIII).

Hoje em dia a ilustração científica tem uma panóplia de tecnologias ao seu dispor com a ferramenta essencial, o computador, e programas específicos. Contudo, as técnicas clássicas, como a aguarela, o traço a tinta-da-china, a grafite e outros, continuam a ser insubstituíveis e válidas. Na ilustração, o elemento pessoal, isto é, a mão e o olho do artista continuam a ser essenciais, pois nenhum outro meio pode substituir a capacidade do olho humano para juntar detalhes numa mesma peça.

Helena Encarnação

(Museu de História Natural do Funchal)

“*Insecta Maderensia: Vida e obra de Thomas Vernon Wollaston*”

Thomas Vernon Wollaston, nasceu em Scotter (Lincolnshire, Inglaterra) em Março de 1822. Um ano após a sua graduação, em Cambridge, adoeceu com tuberculose quando tinha apenas 24 anos. Esta circunstância fez com que elege-se a Ilha da Madeira para passar o Inverno de 1847-48. Nesta sua primeira viagem e com o objectivo de ocupar o seu tempo, realizou várias colheitas de insectos e conchas que depois se tornaram num importante projecto científico de estudo geográfico da coleoptero-fauna das Ilhas Atlânticas. Com o apoio do Reverendo Richard Thomas Lowe e John Gray, voltou à Madeira noutras ocasiões, perfazendo ao todo 7 viagens à nossa ilha. Os seus estudos alargaram-se às Ilhas Selvagens, Canárias (2 viagens), Cabo Verde e Santa Helena.

Da sua bibliografia destacamos os estudos dedicados às Ilhas Atlânticas, que compreendem as suas principais obras: *Insecta Maderensia* (1854), *Catalogue of the Coleopterous insects of the Madeira* (1857), *Catalogue of the Coleopterous insects of the Canaries* (1864), *Coleoptera Atlantidum* (1865), *Coleoptera Hesperidum* (1867), *Coleoptera Sanctae-Helenae* (1877) e, póstumamente, *Testacea Atlantica* (1878), este último dedicado aos moluscos terrestres. Devemos a Wollaston a base científica da entomologia da Macaronésia.

Em 1856, Wollaston expõe as suas ideias na obra «*On the variation of species*». Apesar das divergências doutrinárias entre ambos, esta obra foi dedicada pelo autor a Charles Darwin e surgiu 3 anos antes da «*Origem das Espécies*». Wollaston, ao contrário de Darwin, defendia que Deus era o Criador da vida. Enganado nas suas grandes explicações mas, admiravelmente correcto e minucioso no trabalho sistemático que realizou em entomologia, morre de uma repentina hemorragia pulmonar em Teighnmouth (Devon) a 4 de Janeiro de 1878, aos 56 anos.

Além da detalhada cronologia das suas viagens, documenta-se também, nesta exposição, o destino do material por ele colhido, as chamadas «Colecções Wollaston» (Londres, Oxford e Washington).

Ysabel Margarida

(Museu de História Natural do Funchal)



José Vicente Barbosa du Bocage

*Fonte: Sociedade de Geografia de Lisboa
(<http://www.socgeografialisboa.pt/>)*

JOSÉ VICENTE BARBOSA DU BOCAGE (1823-1907)

Quem foi José Vicente Barboza du Bocage?”. Esta pergunta será, na maior parte das vezes respondida como “foi o escritor...”, “foi o escritor das anedotas...”, “é o das anedotas”, etc.

De facto, quem ouve falar no nome de Bocage associa-o imediatamente ao escritor de Setúbal ou ao personagem de muitas anedotas. Mas, o escritor de Setúbal chamava-se Manuel Maria Barboza du Bocage. Então quem foi José Vicente Barboza du Bocage?

José Vicente Barboza du Bocage, primo em segundo grau do escritor, nasceu no Funchal no ano de 1823, tendo se fixado no continente quando ainda era bebé. Embora tenha sido um dos Zoólogos mais importantes e conhecidos da Europa na segunda metade do século XIX e primeiros anos do século XX – realizando um elevado número de trabalhos e descrevendo numerosas espécies – a Madeira raramente foi foco dos seus estudos.

Com a reforma pombalina (século XVIII) iniciam-se em Portugal os estudos superiores de História Natural nos campos da Botânica, zoologia e Mineralogia. Mas só nos finais do século XIX, com a obra de Bocage, apareceram os verdadeiros estudos zoológicos portugueses. Os estudos com base científica e de reconhecimento internacional surgem com a obra de Bocage.

As suas primeiras publicações debruçam-se sobre a fauna portuguesa sendo a primeira (ano de 1857) referente a uma colecção de conchas do Arquipélago da Madeira.

Entre as várias obras salienta-se aquela publicada em 1869, “Sketch of Birds of Portugal”, que constituiu o primeiro catálogo moderno da fauna ornitológica portuguesa. Assumem também grande relevo as duas grandes obras, “Ornithologie d’Angola”, publicada em 1877, e “Herpéthologie d’Angola et du Congo”, pu-

blicada em 1895, ambas premiadas pela Academia Real das Ciências de Lisboa.

A imensa obra de Bocage, atingiu e ultrapassou ocasionalmente os mais célebres zoólogos estrangeiros do seu tempo, obtendo o reconhecimento dos meios científicos internacionais. Os seus estudos foram apreciados por numerosos cientistas estrangeiros como Milne-Edwards (foi este cientista que descreveu formalmente, pela primeira vez, a Lagartixa-da-Madeira no ano de 1829). Ao Bocage foram dedicadas várias espécies como por exemplo *Podarcis bocagei* (Seoane, 1884) (pequena lagartixa de Portugal Continental) e *Barbus bocagei* Steindachner, 1865 (peixe de água doce de Portugal Continental).

Em 1863, a descoberta de uma esponja capturada a grande profundidade na Costa Portuguesa, conhecida por “chicote do mar” (Família *Hyalochaetidae*, Brandt) e descrita por Bocage como *Hyalonema lusitanica*, marca uma das etapas mais relevantes da história da Zoologia em Portugal. Na época os cientistas defendiam que a vida marinha não ia além dos 500-600 m de profundidade.

Uma das grandes contribuições de Bocage foi a descrição de numerosas novas espécies para a ciência, cerca de 220, muitas delas dedicadas ao Naturalista José de Anchieta.

Barboza do Bocage não era propriamente um “homem-de-campo”. Grande parte do material biológico por ele estudado foi colhido por outras pessoas das quais se destaca José de Anchieta, oficialmente encarregado da exploração de Angola. Podemos dizer que Bocage não atingiria a fama e prestígio que atingiu no meio científico sem a preciosa colaboração destes naturalistas “ilustres desconhecidos”.

Barboza do Bocage não foi só “o cientista”. Foi político e desempenhou funções administrativas de grande importância. Em 1858 assume a direcção da Secção de Zoologia da Escola Politécnica de Lisboa. Reorganiza e desenvolve o Museu, mais tarde designado por Museu Bocage. É aqui que começa a verdadeira investigação taxonómica em Portugal.

Foi um importante membro (titular, correspondente... etc) de numerosas Sociedades portuguesas e internacionais, como da Academia Real das Ciências de Madrid, da Sociedade dos Naturalistas de Halle, da Sociedade Imperial de História natural de Moscovo, da Sociedade Britânica de Ornitologia, da Sociedade Lineana de Londres, da Sociedade de Geografia da Austrália, da Sociedade Científica do Chile..., etc.

Foi ainda Par do Reino, Deputado, Ministro e Conselheiro de Estado. Tinha assim uma posição de destaque na corte e sociedade portuguesa.

Recebeu vários prémios, dos quais se destaca o Prémio D. Luiz da Academia Real das Ciências de Lisboa, em 1900.

José Jesus

(Universidade da Madeira)

BARRAL, F. A., 1854, NOTÍCIA SOBRE O CLIMA DO FUNCHAL E A SUA INFLUÊNCIA NO SEU TRATAMENTO DA TÍSSICA PULMONAR, S/L.

Distinto clínico e lente da Escola Médica de Lisboa, acompanhou à Madeira, em 1852, a Princesa D. Amélia, na qualidade de seu médico assistente. Durante os oito meses que aqui permaneceu, observou e estudou a ilha e as suas características. Nesta obra – traduzida em francês e publicada em Paris – revela à Academia Real das Ciências de que foi Presidente a importância da Ilha da Madeira no tratamento da tuberculose.

Divide o seu estudo em três partes: clima e topografia do Funchal e das suas condições higiénicas; utilidade do clima na cura das moléstias pulmonares crónicas, nomeadamente a tísica e registos das observações meteorológicas feitas no decurso desse tempo.

Numa espécie de abertura, o autor reflecte acerca da ciência e da sua missão de salvar cada doente, fazendo todos os esforços para não deixar morrer, sem tratamento, aqueles que sofrem de “*moléstias reputadas fataes*” (p. 4), nomeadamente a tuberculose. Aos doentes, sugeria-se mudança de ares, de localidade, de vida. A Madeira apresentava-se como um lugar perfeito, ao nível das estâncias francesas, belgas, egípcias ou maltesas. Tinha tudo: um clima doce, invernos brandos, uma paisagem inebriante, um vinho balsâmico e condições propícias à estada dos visitantes que aqui procuravam a saúde.

Não entrarei nos detalhes das tabelas da temperatura ou da precipitação. Não me deterei nos registos dos ventos e da humidade do ar e da sua importância para o turismo terapêutico. Não farei referência à bibliografia que, nesta obra, se regista ou aos estudos a que alude.

Vou apenas fixar-me no olhar poético com que o clínico olha a encosta e vê os rasgos das aluviões e as fendas-lembranças de dores de um povo que mora em casinhas brancas pitorescamente enfeitadas de jardins. Provo com ele a água límpida e fresca que “cose bem os legumes e dissolve o sabão”, sem me preocupar com as análises que o autor – cientista manda fazer a Lisboa. Conheço o Funchal de 1854, hospitaleiro, povoado de estrangeiros – doentes e sãos – que ali “*deixam sommas consideráveis*”. (p. 114). Descubro o que a cidade esconde atrás do que se vê: gente pobre, mal alimentada, que veste “*mui próximo á indecência*” (p. 113), que vive em “*choças de palha*” (p. 113) e que, apesar do clima e das maravilhas que oferece, morre de tuberculose.

Uma obra de referência, certamente. O olhar clínico de um médico que mostrou que a Ilha da Madeira é muito mais do que um hospital natural. É poesia.

Graça Alves (CEHA)

LANGERHAMS, PAUL, 1885, *HANDBUCH FÜR MADEIRA*, BERLIN.

Paul Langerhams nasceu em Berlim a 25 de Julho de 1847 e era filho de um conhecido físico que chegou a ser presidente da Câmara Municipal de Berlim. Os seus dois irmãos foram igualmente físicos de renome. Langerhams iniciou os seus estudos médicos na Universidade de Jena, mas completou-os em Berlim. A sua primeira grande descoberta ocorre por volta de 1867, enquanto era ainda estudante. No entanto, o seu projecto de Mestrado dedicado ao estudo do Pâncreas, é considerada a sua conquista mais importante.

Acompanhou o geógrafo Richard Kiepert à Síria e à Palestina mas regressou à Europa no início do conflito Franco-Prussiano, tendo assumindo funções em França, aos comandos de uma ambulância. Em seguida, foi leccionar para a Universidade de Freiburg e, em 1874, foi-lhe diagnosticada tuberculose. Forçado a abandonar a carreira universitária, parte à procura da cura, viajando por Itália, tendo residido em Nápoles, Palermo e Capri. Submeteu-se a vários tratamentos na Suíça e, em Outubro de 1875, embarca para a Ilha da Madeira onde inicia a sua recuperação. Instalou-se num dos hotéis da cidade mas, posteriormente, fixa a sua residência na Quinta Palmeira. Dois anos mais tarde, regressa à Europa, mas acaba por voltar para o Funchal. Decide exercer medicina, e estabelece o seu consultório na capital madeirense e começa a interessar-se pelo estudo da fauna marinha dos mares da ilha. Estabeleceu correspondência com a Academia das Ciências em Berlim e a ele se deve a descoberta de cerca de 50 novas espécies de vermes marinhos. Langerhams interessou-se, igualmente, pela observação meteorológica, tendo desenvolvido estudos interessantes. Em 1887, apresenta estes seus resultados numa conferência em Berlim.

Em 1885, casa com Margareth Erbert, fixando residência na Quinta Lambert e publica o livro *Handbuch für Madeira*.

Esta publicação, tal como o autor explica no prefácio, surge da necessidade de fornecer informações actualizadas acerca da Ilha, uma vez que as publicações existentes já se encontravam desactualizadas e previne o leitor de que não pretende ser original, mas apenas útil.

A obra está dividida em 18 capítulos; e a sua linguagem objectiva e precisa cumpre a função anunciada por Langerhams no prefácio. O primeiro informa acerca da viagem propriamente dita, dos documentos e dos custos da mesma. O segundo capítulo debruça-se sobre as condições de vida do Funchal, onde o autor dá informações úteis acerca do alojamento, dos meios de transporte, da vida social e cultural, das telecomunicações e até mesmo acerca dos médicos e dos estabelecimentos

de ensino e de diversão. O terceiro capítulo versa sobre a geografia da ilha enquanto o seguinte se debruça sobre a história da Madeira. As actividades económicas, as manufacturas e o nível de vida dos madeirenses são retratados no capítulo cinco.

O capítulo que se segue descreve a capital madeirense com a sua atmosfera e os seus encantos, onde o médico destaca os passeios marítimos. O sétimo fornece informação acerca do sistema administrativo, político, militar e judicial da Madeira. O oitavo capítulo descreve o regime de propriedade, assim como a agricultura e a pecuária. Aqui, Langerhams aproveita para falar acerca dos jardins que existem espalhados pela Madeira e o capítulo seguinte versa sobre a principal actividade económica da ilha, o vinho. Os dois próximos capítulos denotam o espírito científico do autor e os seus profundos conhecimentos médicos e centram-se na meteorologia, onde o médico aproveita para incluir uma série de quadros com os resultados das suas observações, dissertando também acerca das doenças que assolavam a Madeira.

Os capítulos 12, 13 e 14 são dedicados às excursões e passeios que se podem realizar, não apenas na ilha da Madeira como também no Porto Santo. Nesta parte da obra, Langerhams fornece informações relativas às ilhas Desertas e às Ilhas Selvagens.

Nos três penúltimos capítulos, Langerhams versou sobre a zoologia, a botânica e a geologia do arquipélago da Madeira e finaliza a sua obra com uma secção dedicada à literatura onde inclui uma extensa lista bibliográfica dos livros publicados sobre a Ilha da Madeira.

Estamos perante um notável trabalho, ilustrativo não apenas da riqueza e variedade natural da Ilha da Madeira como também revelador da sua riqueza cultural, histórica e social e onde Langerhams aproveita para fornecer ao eventual viajante informações práticas, úteis e precisas acerca do modo de vida madeirense, os seus hábitos e as suas características mais marcantes e onde há espaço para admirar a ilha que Paul Langerhams descreveu como a *true graveyard, isolated and quiet, a good place to rest* e onde, na verdade, veio a falecer em 1888.

Cláudia Faria

(CEHA)



Penfold, J. W., 1845, *Madeira. Flowers, fruits and ferns*, Plate XVIII.

Penfold, Jane Wallas, 1845, *Madeira. Flowers, fruits and ferns*, London.

Abrindo, numa espécie de epígrafe com a tradução inglesa dos 4 versos do Canto V de *Os Lusíadas* que apresenta a Ilha da Madeira “*Que do muito arvoredo assi se chama*”, esta obra de Jane Wallas Penfold (1820-1850) pretende apresentar um dos aspectos que tornou a ilha conhecida no mundo inteiro: a beleza das flores, a riqueza dos frutos, a simplicidade dos verdes que enfeitam a serra e o relevo das montanhas escarpadas com rasgos de água, as levadas que refrescam os caminhos.

A artista viveu na Madeira, mais especificamente na Achada e, tal, como todos os visitantes apaixonou-se pela diversidade da flora, pelo recorte dos fetos, pela complexidade dos frutos quase endémicos: anonas, bananas, goiabas, entre outros. Para a artista os fetos são muito complexos e de difícil traço pois a sua beleza peculiar complicam a exactidão do desenho e como consequência a artista não ilustrou mais variedades daquela espécie interessante.

As litografias são acompanhadas de informações de ordem científica em que à sensibilidade do lápis desta mulher, de nacionalidade inglesa, junta-se a explicação botânica dos nomes de cada planta, o pormenor das suas características: número de pétalas, estames, o desenho das corolas, o interior dos frutos, a forma como se prendem à terra, a evolução das flores desenhadas em diversos estádios de crescimento.

A beleza dos desenhos é ilustrada [e, nesta obra, o processo parece ser esse, ao contrario, portanto, do que é habitual] por poemas. Nesta obra de teor científico há poemas feitos de encomenda por autores que os escreveram expressamente para o efeito – William Wordsworth, Calverley Bewicke. À poesia da suavidade das cores dos desenhos, acrescentam-se-lhe as palavras. O poeta apresenta cada flor, dando-lhe um nome, atribuindo-lhe rimas, adjectivando-a. São as “*sister flowers*” e compara-as com a beleza do mar, com a força das montanhas ou com o azul imenso do céu.

Em cada página, as flores da Madeira são representadas com a sensibilidade da mão desta mulher, com a abordagem científica de quem conhece a botânica e observou, cuidadosamente, cada elemento, com a poesia de quem vive numa terra pintada de cores, rica de formas e a quer divulgar.

Mais do que um livro de botânica, *Madeira. Flowers, fruits and ferns* é uma forma de mostrar os encantos que a ilha esconde em cada recanto, em cada gruta da rocha, em cada jardim.

Sandra Gomes Rodrigues

(CEHA)

ABRIL			
	MODALIDADE/designação	Responsável	Orador/palestrante
1	21h. CONCERTO: Solo, Violino, Trompete	Conservatório Escola das Artes	Melissa Lála 1º CPI/Carlos Araújo 1º CPI
6	18h. CICLO: Textos e Contextos Insulares	Graça Alves/Ana Mª Kauppila	António Castro [Escritor]
8	21h. CONCERTO	Conservatório Escola de Artes	Paula Teixeira 2º CPI/Sérgio Sousa 1º CPI
27	18h. CICLO: Textos e Contextos Insulares	Graça Alves/ Ana Mª Kauppila	Ana Salgueiro Rodrigues [UC]
29	18h. CICLO: Globalização, UE e RUPs	Ana Mª Kauppila/Amílcar Pereira/Odeta Pereira	Ana Maria Kauppila [CEHA]
	21h. CONCERTO: Solo - Violino	Conservatório Escola de Artes	Marcelo Caldeira 2º CPI/Filipe Farinha Ano Zero

MAIO			
	MODALIDADE/designação	Responsável	Orador/palestrante
04	18h. CONVERSAS À VOLTA DO CONSERVATÓRIO	CEAM	Maestro Rui Massena
05	18h. CICLO: Globalização, UE e RUPs	Ana Mª Kauppila/Amílcar Pereira/Odeta Pereira	Tolentino Mendonça [UC]
	21h30. CONCERTO: Orquestra de Acordeões	GCEAM	GCEAM
11	18h. CICLO: Aula Informal	Graça Alves/Cláudia Faria	Susana Caldeira [CCJP]
13	9:00-18:00. CICLO: APH	APH	APH
	21h. CONCERTO: Solo - Tuba, Trombone	Conservatório Escola de Artes	Isidro Faria 2º CPI/Fábio Agrela 2º CPI/Hugo Santos 8º grau
18	18h. CICLO: Aula Informal	Graça Alves/Cláudia Faria	Sara Cabral Fernandes [Docente de História aposentada]
20	21h. CONCERTO: Solo - Guitarra	Conservatório Escola de Artes	Rebeca Oliveira
25	18h. CICLO: Visões de Futuro para a Educação Artística	GCEAM	Élvio Camacho
27	18h. CICLO: Globalização, UE e RUPs	Ana Mª Kauppila/Amílcar Pereira/Odeta Pereira	Ricardo Cabral [Uma]
	21h. CONCERTO: Quarteto Trombones	Conservatório Escola de Artes	Fábio Agrela 2º CPI/Hugo Santos 8º grau/Prof. Luís Rodrigues/Prof. Pedro Pinto

JUNHO

	MODALIDADE/designação	Responsável	Orador/palestrante
01	18h. AULA INFORMAL: A Infância	Ana Maria Kauppila/Cláudia Faria/ Graça Alves/Odeta Pereira/Amílcar Pereira	Alunos da Universidade Sénior
03	21h. CONCERTO: Solo - Saxofone	Conservatório Escola de Artes	Daniel Tadeo 3º CPI
06-09	9h. - 18h. Congresso Internacional das Ilhas do Mundo – II Parte	CEHA	Oradores convidados
10	21h. CONCERTO: Solo - Quarteto Cordas	Conservatório Escola de Artes	Sérgio Sousa 1º CPI/ 1: Yelizaveta Valdman 3º CPI/Filipe Abreu 3º CPI/Prof. Volodymyr Petryakov/ Pedro Silva/ Q2: Melissa Lala 1º CPI/Alexandra Silva 1º CPI/ Sérgio Sousa 1º CPI / Anna Juhász 1º CB
13	18h. CICLO: Aula Informal	Graça Alves/Cláudia Faria	Rubina Leal [CMF]
17	21h. CONCERTO: Flauta	Conservatório Escola de Artes	
22	18h. CONVERSAS À VOLTA DO LIVRO	Odeta Pereira/ Manuel Esteves	Vítor Gomes [EB2/3SA]
24	21h. CONCERTO: Solo. Violino, Trompete	Conservatório Escola de Artes	Melissa Lála 1º CPI/Paulo Sérgio Silva
27-29	9h. MOBILIDADES HUMANAS ESCRITAS	CEHA e CCJP	ORADORES

CONTACTOS


Morada: Morada: Rua das Mercês, n.º 8, 9000-224 Funchal – Madeira

Website: www.madeira-edu.pt/ceha

Blogue: <http://cehablog.blogspot.com/>

Emails: ceha@madeira-edu.pt; ceha.conferencias@gmail.com

Facebook: <http://www.facebook.com/people/Ceha-Historia-Do-Atlantico/100000892818008>

LinkedIn: <http://www.linkedin.com/pub/ceha-atlântico/20/6a/b36>

Twitter: <http://twitter.com/CEHAtlantico>

Tel.: 291 214 970

Fax: 291 223 002